

DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS

REFORMA DA PREVIDÊNCIA ACIRRA DEBATES

MUDANÇA NAS REGRAS DAS APOSENTADORIAS TEM SIDO UM
DOS PRINCIPAIS ASSUNTOS DO NOTICIÁRIO DESTE ANO

POR RUBIA EVANGELINELLIS

Considerada uma das principais propostas do governo de Michel Temer, criticada pelos sindicatos e movimentos sociais e aclamada por empresários, a reforma da Previdência vem pautando os noticiários desde 2016. Jornalistas e especialistas se esforçam para traduzir a diferença da regra atual e como deve ficar a aposentadoria com as mudanças propostas pelo governo. Foi um vai-e-vem de negociações para tentar deixá-la menos impopular para passar no Congresso. Tanto esforço, no entanto, pode ter sido em vão. Com as incertezas política após a delação da JBS comprometendo Temer, essa decisão pode acabar ficando para depois, mas certamente continuará nas manchetes dos jornais, sites e TV.

Contrário à reforma, o economista e professor do Instituto de Economia da **Unicamp** Eduardo Fagnani diz que a proposta trata desiguais como iguais, comparando o homem do campo ao funcionário do Tribunal de Contas da União. O especialista defende ainda ajustes pontuais na legislação vigente, que já passou por quatro reformas. “Nos últimos vinte anos tivemos

quatro reformas da Previdência, que já trataram de diversos pontos e creio que devem ser feitos ajustes de correção de rumo. O problema é que estamos fazendo uma reforma baseada no poder da desinformação, da pós-verdade e do terrorismo econômico”, afirma.

Já Hélio Zylberstajn, professor do Departamento de Economia da FEA/USP, é favorável às mudanças por entender a necessidade de buscar o equilíbrio das contas e de corrigir distorções. “Nosso sistema de Previdência Social produz uma situação absolutamente injusta. Gasta-se muito mais com os benefícios de uma elite de funcionários públicos do que com os trabalhadores mais simples. Cerca de 1,7 milhão de funcionários públicos recebem o equivalente a metade do que recebem 33 milhões de beneficiários do INSS. E são estes grupos os que mais resistem à reforma”, diz.

Na seção “Dois Pesos, Duas Medidas”, IMPRENSA oferece ao professor do Instituto de Economia da **Unicamp** Eduardo Fagnani e ao professor do Departamento de Economia da FEA/USP Hélio Zylberstajn o mesmo espaço para a defesa de suas opiniões sobre o tema.



IMPRENSA – POR QUE O SENHOR É FAVORÁVEL À REFORMA DA PREVIDÊNCIA?

HÉLIO ZYLBERSTAJN - O Brasil gasta de 11% a 12% do PIB com aposentadorias e pensões. Com o envelhecimento acelerado que está ocorrendo, se não fizermos uma reforma profunda, comprometeremos a capacidade fiscal do Estado brasileiro. Nosso sistema produz uma situação absolutamente injusta. Gasta-se muito mais com os benefícios de uma elite de funcionários públicos do que com os trabalhadores mais simples. Cerca de 1,7 milhão de funcionários públicos recebem o equivalente a metade do que recebem 33 milhões de beneficiários do INSS.

QUAIS PONTOS DEVERIAM SER REJEITADOS OU APRIMORADOS?

Não gosto dos dispositivos que mantêm diferenças de tratamento entre grupos e setores. A versão inicial da PEC continha medidas importantes na direção da universalização dos critérios e da extinção das diferenças, mas o governo cedeu à reação dos grupos privilegiados pelo sistema atual e modificou o projeto. Exemplo é o caso dos professores. Não há nenhuma razão para a idade mínima e o tempo de contribuição dos professores sejam menores. Não gostei também do recuo em relação à contribuição mensal dos trabalhadores rurais. Não gostei também do recuo em relação ao benefício de prestação continuada, que deixaria de se referenciar ao salário mínimo, mas voltou a ser igual a este piso.

QUAL SERIA O MODELO IDEAL PARA O BRASIL?

Temos defendido na Fipe a criação de uma nova aposentadoria para os novos trabalhadores, válida para todos que nascessem a partir de um determinado ano, por exemplo, o ano 2000. Seria um modelo único para todos – funcionários públicos, celetistas, autônomos, empreendedores e funcionários, com quatro pilares. O primeiro seria a renda básica universal para os idosos, incondicional e não contributiva, ao qual teriam direito todos os que atingissem a idade mínima de aposentadoria. Seria financiado por impostos gerais. O segundo seria o atual INSS, com um teto de benefícios bem menor, em torno de R\$ 1.500. Continuaría a funcionar no regime de repartição, com uma alíquota de contribuição bem menor que a atual. O terceiro seria constituído pelo FGTS fundido com o seguro-desemprego, que teria como finalidade oferecer benefícios aos desempregados e servir como plano de aposentadoria capitalizada em contas individuais, que renderiam taxas de mercado. O quarto pilar seria de contribuição voluntária e funcionaria no regime de capitalização, como os planos de aposentadoria complementar que existem hoje.

NO JOGO DE DISPUTA DE FORÇAS, QUAL O PESO DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES CONTRA A REFORMA?

Muito grande, mais por desinformação do que por qualquer outra coisa. É muito difícil explicar a reforma da Previdência e é muito fácil desacreditá-la. O jogo da comunicação desfavorece os defensores e favorece as corporações. É muito mais fácil mobilizar contra do que a favor.



POR QUE O SENHOR É CONTRÁRIO À REFORMA DA PREVIDÊNCIA?

EDUARDO FAGNANI - Não sou contra reformas. A questão é qual reforma? Uma reforma apenas fiscalista, que está sendo feita às pressas, sem um debate qualificado e honesto, e que pode aumentar a pobreza entre os idosos de 1% para mais de 50%? Sou contra uma reforma desse tipo que atinge mais de 100 milhões de pessoas direta ou indiretamente, constantes do Regime Geral da Previdência, e que apresenta um diagnóstico rudimentar, incorreto. Nos últimos 20 anos, tivemos quatro reformas da Previdência, que já trataram de diversos pontos e creio que devem ser feitos ajustes de correção de rumo. O problema é que está se fazendo uma reforma baseada no “poder da desinformação”, da pós-verdade e do terrorismo econômico, demográfico e financeiro. Democracia não é mercadoria. Reforma social não é obra para marqueteiros.

QUAIS PONTOS DEVERIAM SER REJEITADOS OU APRIMORADOS?

Quando você tem um diagnóstico rudimentar, surgem diversas propostas indecentes. Mas acredito que a principal delas é tratar igualmente quem é desigual, ou seja, adotar um regime em que o trabalhador da área rural do Nordeste seja submetido às regras quase iguais às aplicadas para um funcionário do Tribunal de Contas da União.

QUAL SERIA O MODELO IDEAL PARA O BRASIL?

Quando dizem que a Previdência está quebrada e que, sem a reforma, o País afunda, é importante saber qual Previdência está quebrada. Dos parlamentares? Dos militares? Dos funcionários públicos federais ou

estaduais ou municipais? O ou do Regime Geral, que abrange mais da metade da população brasileira que recebe menos de dois salários mínimos mensais? Tomando como base a justificativa de que tem o combate ao “marajá” no serviço público, é verdade, mas é uma situação que antecede a Legislação aprovada em 2012, após 14 anos de tramitação no Congresso. Os servidores que ingressaram partir de 2012, se aposentarão pelo teto de quando de R\$ 5 mil. Isso significa que a figura do “marajá” não vai existir em 2050 ou 2060, para onde olhamos quando pensamos em reformas.

E QUANTO AO DÉFICIT DA PREVIDÊNCIA?

Ao falarem isso mostram um desprezo ao poder constituinte. O déficit é a parte do governo que falta, sendo que foram criadas duas novas contribuições para que o governo fizesse a sua parte, mas a área econômica se apropriou. A seguridade Social é um pacto social firmado pela CF-88 que é um marco no processo civilizatório brasileiro.

NO JOGO DE DISPUTA DE FORÇAS, QUAL O PESO DAS MANIFESTAÇÕES POPULARES CONTRA A REFORMA?

As pessoas entendem o que significa a reforma da Previdência. O problema está no fato de que a política está desacreditada, os partidos estão em crise e, isso, desanima a mobilização. Com a delação da JBS não dá mais para “estancar a sangria”. As veias foram reabertas. Esse governo não tem legitimidade eleitoral e ética. É preciso estancar as reformas. E, isso depende da ocupação das ruas. Não sei o que pode acontecer. Mas esse cenário torna-se possível a cada dia.